

MARCELO SOUZA OLIVEIRA

# ATRÁS DO MURO INVISÍVEL

Fragmentos de uma escrita  
impossível

MARCELO SOUZA OLIVEIRA

# ATRÁS DO MURO INVISÍVEL

Fragmentos de uma escrita  
impossível

ATRÁS DO MURO INVISÍVEL  
Fragmentos de uma escrita impossível

© Marcelo Souza Oliveira, 2025  
Todos os direitos reservados.

**Supervisão**  
Suely Aires

**Colaboração**  
Rafael Coelho Rodrigues

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Oliveira, Marcelo Souza

Atrás do muro invisível [livro eletrônico] : fragmentos de uma  
escrita impossível / Marcelo Souza Oliveira ; colaboração Rafael  
Coelho Rodrigues. -- Itaberaba, BA : Ed. do Autor, 2025.

PDF

ISBN 978-65-01-38419-1

1. Drogas - Abuso 2. Poesia brasileira
3. Psicanálise I. Rodrigues, Rafael Coelho.

II. Título.

25-260264

CDD-B869.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Dedico esta obra a todos usuários de substâncias psicoativas  
que vivenciaram experiências de violência e/ou  
silenciamento. Dentro ou fora dos muros de instituições  
asilares.

## Prefácio

Ressoar vozes, escrever histórias

Suely Aires<sup>1</sup>

*São necessárias tantas vozes  
para que uma única voz  
possa ser ouvida*

(Saavedra, 2021)<sup>2</sup>.

A epígrafe que anuncia esse breve prefácio pode ser ouvida como um lamento, em seu tom de denúncia e cansaço... quantas vozes mais serão necessárias para fazer ressoar uma única voz? Como fazer ressoar o que tem sido dito pelos usuários de drogas em suas diferentes experiências de tratamento? Quando, efetivamente, poderemos vir a escutar o que aí se diz, em sua diversidade de pedidos, queixas, reivindicações por direitos tão frequentemente violados?

---

<sup>1</sup> Psicóloga, psicanalista. Mestre e Doutora em Filosofia (Universidade Estadual de Campinas). Docente do Instituto de Psicologia – Universidade Federal da Bahia. Docente permanente do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde (IMS/UFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (IPS/UFBA).

<sup>2</sup> SAAVEDRA, Carola. O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

O Produto Técnico que o/a leitor/a tem em mãos decorre da pesquisa de mestrado intitulada *Uso Problemático de Álcool e/ou Outras Drogas: efeitos subjetivos da experiência de internação em instituições de longa permanência*, de autoria de Marcelo Oliveira, a qual teve como objetivo principal analisar os efeitos da experiência de internação em instituições asilares para pessoas que usam drogas. Para tanto, o pesquisador entrevistou seis pessoas que tiveram a experiência de internação em Comunidade Terapêutica (CT) e que, no período das entrevistas, encontravam-se em acompanhamento em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). A riqueza da discussão crítica sobre o tema e os condicionantes históricos e políticos que levaram aos diferentes modos de tratamento disponibilizados aos usuários de drogas pode ser conferida no corpo da dissertação, disponível no repositório da UFBA. Contudo, são as entrevistas que revelam o que há de mais humano e desumano nas relações entre os usuários e a sociedade representada aqui pelos espaços de tratamento ofertados aos usuários de drogas.

A análise das entrevistas permitiu situar três eixos de discussão: a produção do laço social e o consumo de drogas; as práticas clínicas; e as implicações da experiência de internação para estes sujeitos. No entanto, a riqueza de cada fala, a presença

transbordante das pessoas e seus gestos, os gritos contidos e as reivindicações não escutadas, levaram o pesquisador a somar a sua voz-escrita a estas vozes – desde um outro lugar, sem dúvida. Ele empresta sua possibilidade de se fazer escutar, seu poder e autoridade, diria Franco Basaglia, para fazer uma denúncia. Nesse sentido, o trabalho indicou o quanto as experiências individuais podem ser transformadas em um saber coletivo e político a ser compartilhado, ao mesmo tempo em que permitiu fazer ecoar cada voz entre as frases escritas deste livro. É uma aposta na mudança de rumos, uma tecnologia social em construção.

O Produto Técnico intitula-se, não por acaso, *Atrás do Muro Invisível*. Um muro invisível nos impede de ver e ouvir o que acontece nos espaços ditos de cuidado a usuários de substâncias psicoativas. O muro invisível separa e segrega, faz invisibilizar o humano que há em cada um dos que se encontram atrás do muro, mas também ensurdece e cega aqueles que seguem o rumo da vida sem olhar para os lados. Que os muros sejam rompidos, diz Marcelo para os que sabem escutar. Que se olhe cada usuário e cada espaço de tratamento, que se escute o que uma única voz pode enunciar. Que se reconheça o quinhão de violência produzido nas diferentes intervenções voltadas a usuários de drogas. Que cada um tome a palavra.

Como fruto da aposta em expor fraturas e recriar rumos, esse produto tem finalidade didática. Pretende possibilitar que um saber circule, menos por meio de afirmações gerais sobre o uso de drogas ou sobre modos de tratamento e cuidado – já existe muito material produzido com tal finalidade – e mais como transmissão do que de singular e humano se presentifica na experiência de estar atrás do muro. Pode, por tanto, ser utilizado junto a profissionais e serviços de saúde, usuários da rede, estudantes, consumidores, desde que se considere que a introdução desse material no contexto de uma prática, seja ela formativa ou educativa, visa o singular da experiência, a reflexão por parte daquele que lê o texto e a ampliação da escuta às vozes em exclusão. Uma tecnologia de cuidado e reflexão que busca que outras vozes se unam e façam ressoar as denúncias de violência. Que, em ato, visa produzir efeitos reais no espaço da vida comum de modo a escutar o que de único e singular reverbera em cada um de nós.

Que cada leitor/a reinvente caminhos, troque letras e faça  
do muro, rumo.

## **Apresentação**

Toda forma de escrita possui suas limitações. A escrita acadêmica é regida por uma lógica, estética e regras específicas, já a linguagem poética atua de outra forma. A estética poética escapa às normas, faz furo, bordejando o indizível. Porém, apesar de diferentes, a escrita poética pode complementar e enriquecer a escrita acadêmica.

A ideia da presente obra surgiu após a escuta de pessoas que passaram pela experiência de internação em instituições de longa permanência devido ao uso de algum tipo de droga. Estruturada em forma de textos curtos, com tom poético- psicanalítico, a obra foi inteiramente inspirada no recorte cirúrgico das falas de seis pessoas entrevistadas – cinco homens e uma mulher – que desde cedo vivenciam histórias de vida muito singulares, mas com particularidades significativas entre si.

Por fim, destaco que este é o produto final do projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde do Instituto Multidisciplinar em Saúde IMS/UFBA.

Marcelo Souza Oliveira<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Psicólogo, Sanitarista e Redutor de Danos. Mestre em Psicologia da Saúde (Universidade Federal da Bahia – UFBA).

## Há muros que não precisam existir para segregar.

### Introdução

A possibilidade de criar algo que não pode ser representado de forma direta nos convida a pensar sobre a falta. A busca pela completude nos faz ir além do simbólico na tentativa de criar o irrepresentável. Aquilo que na linguagem parece não encaixar, o que nos retoma a Saussure em seu significante e significado. Na cadeia significante percebemos seu significado por um elemento de distinção. Afinal, "casa de louco não tem muros, se não há muro da linguagem que o defenda da enxurrada de significantes que o assola".<sup>4</sup> (Branco, 1997 p.15).

Para o poeta e para o louco a expressão do sentimento nos eleva a encontrar outros sentidos. Construir algo a partir dos vazios, ausências e silêncios. A escrita impossível nos remete ao esvaziamento do sentido, à força da letra. A imagem do branco associa-se ao silêncio, ao nada, essência da literatura. A violência de toda palavra consiste em morrer, em arrancar de si o que nomeia.

De forma paradoxal, a função destrutiva da linguagem é o que lhe dá vida. A palavra escrita ganha corpo, materialidade, e carrega o sentido do silêncio advindo da linguagem literária. Quando nomeio, afastado a coisa nomeada, o que tenho é sua ausência, o que resta é o

---

<sup>4</sup> Branco, L. C. (1997). Palavra em ponto de P. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG

silêncio. Perde-se algo por efeito da própria escrita, mas essa perda é a condição para que o texto apresente-se como novo. O revivido ressurgue como um passado nunca antes vivido, tornam-se experiência e efeitos literários. Assim, a obra produz efeitos próprios e, só por força do imaginário, remete ao que lhe é exterior.

Por fim, a literatura poética esquiva-se do sentido dito único ou verdadeiro. Amplia-se as significações num movimento de caos e ruína de toda e qualquer ordem ou impostura linguística.

**H**avia duas formas de sair daqui,

Era o que diziam

Renascido em Cristo

Ou  
pecador.

Preferi pular o muro

E não mais voltar.

**Disseram que o jogo era dentro das regras/acreditei.**

Mas os juízes podem ser bandidos/O que me pedem  
não consigo dar

**Até poderia/Se eu, fosse outro.**

O juiz diz/Que preciso amar/Tá na bíblia.

Então deve ser verdade

Engole o choro/Disse meu pai

**Com o tempo aprendi**

Doutor fala

**Não entendo.**

Balanço a cabeça, em sentimento

**Não tô ali.**

Sala bonita...

**E o doutor ainda fala.**

Balanço a cabeça outra vez...

**Que bom que acabou.**

Cabou as pedra  
Já devendo grana  
Outro corre?  
Paga ou morre

Só na fissura  
Não tenho nada  
Só ameaça  
Lá vem a fome

Que faço agora?  
Ninguém entende

Cacetete de alemão  
dói mais que  
pregação de crente

E cabou as pedra  
Devendo grana  
Só na fissura  
Ninguém entende

É estranho.

Aqui tudo é culpa da droga ou do diabo

E eu queria tentar esquecer de tudo

Mas falam que ainda não me curei

E a saudade cresce.

Tantos que deixei

Já faz mais de nove meses

**E ainda não renasci**

Dizem pra andar bonita/roupa engomada/cabelo liso

Discretamente maquiada

Um diazepam pra dormir/fluoxetina pra acordar

Nunca mais usei droga/desde que saí de lá

Um amém e dois aleluia/O pastor me faz pensar

Será que sou pecadora/por uma cerveja desejar?

**H**oje foi um dia tão legal

Decorei um versículo

Levantou o astral

**O** pastor até me elogiou

Disse que posso obrar a obra do senhor

**V**ou ser alguém

Já que hoje nada sou.

Nasci errado/todos me dizem/mas se é defeito de  
fábrica/não tem conserto.

De dia as ruas são deles  
Desfilam engomados

**Em carros com vidros escuros**  
**E gestos calculados**

Mas à noite a casa é minha  
E vocês não são bem-vindos.

Escolhi  
amar  
a  
mim  
mesmo.

Mas  
também  
ao  
copo  
De cerveja.

Pela  
primeira  
vez  
fui  
correspondida.

Eu queria ser amado

Então um homem veio de paletó e gravata

Trazia um livro na mão

Disse que era enviado por Deus

Para minha salvação

Glória! Disse-me com ênfase o valente obreiro.

**Vim trazer a palavra do Senhor às ruas**

Falou ele, enquanto levantava seu livro preto e grosso.

**Fingi escutar atento, pois a fome era maior que a  
vontade de mandá-lo calar.**

Logo em seguida veio a sopa esquentou a noite fria.

**Isso sim foi obra de Deus.**

**N**em um dia a mais!

Disse eu pra mim mesmo.

Outra vez no castigo.

Quarto escuro, sem direito a gritar.

**O** louco, amarrado, pode se jogar na parede.

Já eu, só posso ler.

Mas palavra de Deus é pra todos

Menos pra mim.

Nem um dia a mais!

Disse eu, pra minha família.

Dessa vez escutaram

Deus tocou vossos corações.

**Amém.**

**C**aiu no chão da rua/Meu nobre amigo Bêbado/como  
sempre/Mas dessa vez diferente/Não levantou/Todos  
correram/Desespero geral/Mas só entre nós/A ambulância  
não vem/Disseram pra dizer/Que está ocupada

Vida

**Vadia**

Vontade

**Vibrante**

**Vício**

Viciante

**Certeza**

De nada

**É** peleja

**Outro corre**

E olha ali os alemão

**A adrenalina já virou obrigação**

É bate e volta na biqueira os playboy na fissura a noite inteira

**Tá no meu destino essa situação**

Outra forma de escravidão?

Fui nadar

na

praia

Pela primeira vez

E me afoguei

Na indiferença

Sim, fumar a pedra tira a fome

**M**as a dor continua.

A onda é passageira

**Mas a viagem é longa**

O prazer é de momento

**Mas a euforia é a noite toda**

A palavra é de Deus

Ma o castigo é do diabo

Mãe, fiz tudo pediram

Falei baixo

Fui educada

Lavei os pratos

Li a bíblia

Até me puniram

Pra eu ser uma pessoa melhor.

Mas no fim veio a vitória

Eu ganhei um lugar no **céu**.

Troco o troco Por um pó de **prazer**

**H**avia algo ali/belo ou feio/grande ou pequeno/havia  
algo/que há tempos não cabia/até não caber mais.

O pó entra

A dor saí

Vai até a esquina e volta

Doendo mais.

Traguei.

Nasceu o instante que dura para sempre

Incalculável Obra-de-Deus

Ou do diabo.

Saí para tomar um ar

Acabei tomando a grade toda

Um paraíso

**Com verde, lago, pássaros e apenas sorrisos**

Longe das drogas

**O mundo de Deus**

Um lugar pra alguém como eu

**Assim pintavam**

Todos irmãos

**Com um livro preto na mão**

Eu imaginava,

**A porta dos céus aberta**

Mas um quarto escuro é o que me resta

Família, coisa linda

Disseram

Pena que era mentira.

Aqui foi diferente de lá  
Consegui melhorar

Traficante não alcança  
Respeita a liderança

Tudo na moral  
Conquistada confiança

Estou agora outro  
Valeu todo esforço.

O limite Entre eu e você

Um copo? Duas doses? Outra tragada?

Ou nunca mais te ver.

Os olhos que te olham

**Já viram demais**

A boca que te fala

**Já usou de tudo**

O corpo que tu olhas

**Quer apenas viver**

**A** jornada é longa. Mas poucos sabem. Lá fora, não importam o que digo. Minha história jamais será contada. Aqui todo filho de Deus é igual. Sentado à mesa O copo, de cerveja, é do mesmo tamanho!

Meu desejo Deseja Não te desejar  
Mas é pouco Diante da falta Que sinto.

O que me espanta aqui não é a distância  
Mas não poder ser eu  
**M**esmo sem saber quem sou

Orei, Mas não orei direito. O inimigo me achou  
nos meus sonhos. Me seduziu/Me provocou/Me  
chamou de Seu. Pena que acordei.

Se pagar qualquer preço **Um dia** não vai  
poder pagar **É tudo** na lábia **A rua** vai te  
ensinar.

É apenas uma planta

Eu disse sem querer em **VOZ ALTA**

Foi suficiente.

**M**edo é o combustível/que me mantém viva/Adrenalina é  
consequência/que me faz **viver**.

*O que parece “falta de sentido” – é o sentido.*

Clarice Lispector (A Paixão Segundo G.H)

## Posfácio

Rafael Coelho Rodrigues<sup>5</sup>

A dissertação de mestrado de Marcelo Oliveira e o produto técnico dela oriundo evidenciam um dos principais problemas atuais da democracia brasileira, ou seja, o fortalecimento indiscriminado de instituições totais, de cunho religioso, financiadas pelo Estado, autodenominadas comunidades terapêuticas. Além de descrever as principais características destas organizações e como foram se tornando centro de uma disputa pela direção e sentido das políticas públicas para usuários/as de álcool e outras drogas, devido a ampliação vertiginosa do financiamento público pelos sucessivos governos federais desde 2011, concomitante, ao subfinanciamento dos demais serviços da rede de atenção psicossocial, o pesquisador também faz algo fundamental: ecoar as vozes de pessoas que se tornaram internas nestas organizações.

O filósofo Michel Foucault, na década de setenta do século XX, ao integrar o GIP (Grupo de Informações sobre as Prisões) já afirmava a indignidade de falar pelos outros (Deleuze; Foucault, 2006). Segundo esse autor, quando começaram a ouvir os prisioneiros

<sup>5</sup>Psicólogo. Mestre e Doutor em Psicologia (Universidade Federal Fluminense).  
Docente do Centro de Ciências da Saúde – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

perceberam que eles tinham uma teoria sobre a prisão, a justiça, sobre o sistema de penalidades. Daí perceberam que esse discurso vindo daqueles que experimentavam a prisão, lugar no qual o poder pode se manifestar da forma mais vil e excessiva, era uma espécie de discurso contra o poder, um contradiscurso (Deleuze; Foucault, 2006). Foucault salienta que ao ouvir e fazer circular a voz daqueles/as que sofrem com as violências do poder instituído, designando os focos, denunciando-os, falando deles publicamente, se realiza uma luta fundamental. Para ele, produzir uma rede de informações institucionais, nomeando, dizendo quem fez, o que fez, designar o alvo – seria uma primeira inversão do poder. Um primeiro passo para outras lutas contra as manifestações do poder.

Para esse filósofo o poder não é algo que alguém detém, porém, algo que se exerce em relações, que se efetua, que funciona (Foucault, 2006). Essa noção de poder é importante para pensarmos junto com a importante dissertação de Marcelo Oliveira, como estas organizações tão frágeis e pueris, do ponto de vista do trabalho metodológico de cuidado ao uso prejudicial de substâncias psicoativas, conseguiram se fortalecer através de alianças com grupos religiosos e políticos, entidades de classes profissionais, assim como, com serviços públicos que passam a ter tais entidades como escapes às dificuldades e impasses que alguns casos os

colocam. Como diz o neurocientista Carl Hart (2014), é mais fácil e conveniente alojar uma problemática social extremamente complexa no crack do que apontar os inúmeros fatores que contribuem para o processo de exclusão e desfiliação social das pessoas que estão em cenas abertas de uso de substâncias psicoativas (SPA) nas grandes cidades brasileiras. Algo como uma espécie de contrafissura, um afã por resolver imediatamente e de modo simplista tamanha complexidade (Lancetti, 2015). No caso específico das comunidades ditas terapêuticas (CTs) no Brasil do século XXI, podemos considerar que o poder que exercem responde a uma demanda social ampla, uma vez que o neoliberalismo brasileiro e sua elite financeira não tem qualquer noção de responsabilidade social, relegando uma parcela considerável da população à própria sorte, ou aos mecanismos históricos de gestão da população indesejável, a saber, a prisão, o extermínio, o desaparecimento forçado, as instituições de sequestro, como estas organizações que atualizam o manicômio a partir de uma associação entre saberes e poderes do campo da saúde, jurídicos-correcionais, assistenciais-filantrópicos, econômicos e políticos-religiosos.

A função social destas organizações, assim como também ainda é a função dos manicômios, é aprisionar pessoas negras, pobres, desfiliações socialmente, egressas do sistema prisional, sem

aparentemente nenhum tipo de perspectiva de absorção pelo mercado neoliberal cada vez mais desregulamentado, e sem as condições necessárias para se tornarem empreendedores de si e de fazerem de si mesmos, seu próprio capital. Isso não quer dizer que não funcionem como capital para outros. O que falar da construção de casas (atividade tida como terapia pelo trabalho em CTs) para fiéis das igrejas dos pastores que gerem algumas destas casas correcionais e que depois disputam as eleições para entrarem na carreira política? Vida capital.

Porém, para determinadas vidas, existem processos que impedem que se tornem capital até mesmo para outros. Vidas destinadas ao processo de esfacelamento social, não raras vezes, à morte. Não há como não evidenciar que estes estabelecimentos fazem parte de uma política denominada como guerra às drogas que vem sendo o dispositivo privilegiado pelo Estado brasileiro para a continuidade do extermínio da população negra (Rodrigues & Silva, 2021). Este dispositivo só é possível através da perspectiva proibicionista implementada a partir do século XX (Carneiro, 2019) e regida por mecanismos estatais e paraestatais que contribuem com a moralização do uso de SPA, a noção de doença e de internamento necessário para o cuidado, assim como, para a política de combate a produção e venda de algumas destas SPA (claramente, de acordo

com o perfil racial e social de quem a consome e/ou vende). Essa é uma das funções sociais da droga no mercado capitalista (Del Orno, 1990).

Importante salientar que na questão envolvendo a moral do uso de SPA, governos de extrema direita e centro-esquerda, como os que governaram o Brasil no período após a ditadura civil-militar, diferem pouco. Foi em um governo de centro-esquerda que se iniciou o financiamento público e incentivo a tais estabelecimentos, assim como sua inclusão na rede de atenção psicossocial. Para isso, a produção do discurso sobre uma “epidemia do crack” foi fundamental. A complacência do governo federal com os efeitos de tal discurso foi marcante para termos tal realidade atualmente. Através do programa “Crack é possível vencer” (2011), o financiamento público para comunidades ditas terapêuticas e compra de armamentos e equipamentos para polícias militares e guardas municipais foi exorbitante. Além disso, às vésperas da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, realizados no país, o discurso de “epidemia do crack” possibilitou o aumento progressivo de recursos públicos a estes estabelecimentos e uma dupla intervenção como política de governos estaduais e municipais: 1) a internação compulsória, em comunidades ditas terapêuticas, de grupos populacionais identificados como população em situação de rua e

usuária de crack; 2) a partir da retirada forçada de tais grupos de parte das cidades, se possibilitou um processo de revitalização destas áreas a partir de iniciativas público-privadas, ocasionando uma especulação imobiliária sem precedentes, concretizando o processo de gentrificação no qual a população pobre foi expulsa destas áreas tornadas ativo no mercado financeiro (Rodrigues & Silva, 2021).

Porém, a dissertação de Marcelo Oliveira observa um diagrama de forças presente nesta disputa pelos modelos de atenção ao uso de SPA no país, através do mapeamento de uma espécie de relação de poder que ocorre na micropolítica das relações cotidianas, locais, fragmentadas. O autor não perde de vista tal noção de poder ao detalhar os efeitos subjetivos que ocorrem naqueles/as que passam pela experiência do acolhimento (acolhimento?) nestas organizações.

O autor cita Goffman e seu estudo sobre as instituições totais para descrever alguns destes efeitos subjetivos que ocorrem nos internos, tais como o processo de despersonalização. Esse processo abrupto de desterritorialização de todos os signos que nos constituem como somos, promovido nestas organizações a partir de práticas como o trabalho obrigatório entendido como uma espécie de terapia (tratamento moral?), da doutrinação religiosa,

abstinência forçada, controle do tempo e das correspondências com o mundo exterior, constituem um processo de produção subjetiva. Esta é a faceta produtora do poder, algo crucial para Foucault. O poder não reprime simplesmente, ele produz (Foucault, 2006). A disciplina rigorosa no interior destes estabelecimentos tem como efeito a produção de subjetividades. O poder produz individualidades (Machado, 2006). E no caso específico destes estabelecimentos, a produção de subjetividades produzidas são de individualidades nas quais os sujeitos se entendem como pecadores (culpados), ou doentes, ou criminosos ou tudo isso ao mesmo tempo. Um determinado modo de viver vai se constituindo a partir daí.

A dissertação de Marcelo nos ajuda a compreender o duplo funcionamento desta tecnologia de poder concentrado em torno destes estabelecimentos e que, ao mesmo tempo, tais estabelecimentos produzem e exercem. Estudar estes estabelecimentos disciplinares e correccionais nos ajuda a perceber que herdaram uma função social histórica que era incumbência dos manicômios (ainda existentes). Nos ajuda a compreender também a proximidade programática cada vez mais atual entre as religiões fundamentalistas (principalmente o neopentecostalismo) e o poder psiquiátrico (Foucault, 2006b) na gestão da diferença (Cortês, 2017) e da população tornada excedente pela lógica do capital e sua moral

neoliberal. Ou seja, o neoliberalismo não é somente uma corrente econômica e uma forma de administração do Estado. É uma forma de gestão da vida social como um todo e de produção de subjetividades a partir da égide neoliberal (Safatle, 2020).

Antes de terminar esse breve posfácio, gostaria de sublinhar dois elementos que julgo essenciais. O primeiro diz respeito a um importante dado da realidade. Em 2017, o Ministério Público Federal, o Conselho Nacional de Psicologia e o Comitê Nacional de Combate e Prevenção a Tortura realizaram uma série de inspeções em Comunidades Terapêuticas em todo o território nacional. Das trinta e quatro comunidades inspecionadas, foi averiguado violação aos direitos humanos em todas. Desde violação de correspondências a práticas sistemáticas de tortura.

Esse cenário tende a piorar, pois com o processo de contrarreforma psiquiátrica ocorrido no país entre 2016 e 2022, a rede de atenção psicossocial se deteriorou o que ocasionou a precarização da assistência aos casos de sofrimento psíquico em um período de pandemia de Covid-19 e as consequências das medidas sanitárias necessárias para seu enfrentamento contribuindo para o aumento de sofrimento psíquico da população. Com isso, o que encontramos hoje, e já havia sido constatado nas vistorias ocorridas

em 2017, são pessoas em sofrimento psíquico grave “internadas” nestas ditas comunidades, em uma clara violação à Lei 10.216/2001.

Apesar das inúmeras evidências das violações ocorridas em tais estabelecimentos, além da inadequação técnica ao que se propõem realizar, sem evidência científica qualquer, o financiamento público destas organizações não para de aumentar. O que diminuiu, em contrapartida, são os mecanismos públicos de controle para estas organizações. O atual governo estabeleceu a política de incentivo a estas organizações e a diminuição dos órgãos de controle. Temos aí um campo de luta no qual a dissertação de Marcelo Oliveira, com certeza, contribuirá para fortalecer.

Um outro elemento é a importância deste produto técnico. As falas reproduzidas pelo autor no produto técnico com relatos de pessoas que ficaram “acolhidas” nestes estabelecimentos servem, como menciona Foucault (2010), para transformar experiência individual em saber coletivo. Em saber político.

Falas-poesias. Falas-denúncias. Discursos que mobilizam, que nos interpelam. Falas que demonstram que mesmo que a pretensão seja de produção de subjetividades dóceis e crentes nestes estabelecimentos, esse caminho não é linear e haverá sempre resistências, pois, uma das sentenças foucaultianas é de que onde há poder, há resistência. Essas falas são a corporificação de vidas que não

se curvaram às mais insólitas e, por vezes, imperceptíveis formas de violência. Discursos que demonstram que há algo que não consegue ser capturado, mesmo em instituições que pretendem ser totais. Marcelo nos possibilita perceber que, no meio de todo esse processo de captura e controle, algo se cria. Poesia. Vida. Onde muitos só enfatizam doença, consegue difundir a saúde destas vidas, vidas que exclamam pela urgência de outros modos de cuidado, mais singulares, menos tutelares. Vidas, agora, não mais enclausuradas. Vidas fazendo poesia. A poesia construindo essas vidas. Saúde.

Um produto acadêmico a partir do qual se interpela a própria academia. Falas que demonstram que não cabem no texto escrito pelo autor e que também não cabem aqui. Já vazaram. Ganharam vida. Que consigam contribuir para a construção de outras vidas para si mesmos e para nós todos.

### **Referências Bibliográficas**

CARNEIRO, H. Drogas: A História do Proibicionismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura; Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão; Ministério Público Federal. Relatório da inspeção nacional em comunidades terapêuticas. Brasília; 2017.

CÔRTEZ. M. Diabo e a Fluoxetina. Pentecostalismo e psiquiatria na gestão da diferença. Curitiba: Appris editora, 2017.

DELEUZE, G.; FOUCAULT, M. Os Intelectuais e o Poder. In: Microfísica do Poder. MACHADO, R. (org.). Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.

FOUCAULT, M. O Poder Psiquiátrico. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2006b.

\_\_\_\_\_. Ditos e Escritos. Vol. 4. Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2010.

HART, C. Um preço muito alto. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2014.

LANCETTI, A. Contrafissura e Plasticidade Psíquica. São Paulo: Hucitec, 2015.

MACHADO, R. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. MACHADO, R. (org.). Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2006.

OLMO, R.D. A Face Oculta da Droga. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1990.

RODRIGUES, R.C.; SILVA, C.M. Atenção à saúde no território como prática democrática: ações em cenas de uso de drogas como analisadores da democracia brasileira. Interface (Botucatu). 2021; 25: e200484 <https://doi.org/10.1590/interface.200484>

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V; JÚNIO, N.S.; DUNKER, C. (Org.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.